Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 3$00
ASSINATURA ANUAL . . . . . .30$00

Ano IX — Número 105 Setembro de 1971

Artigo sobre o Domingo - muito bom

Santa Incredulidade

Benito Raymundo

Pastor Geral da Associação Sul-rio-grandense

Não creio na vocação dos mercenários.
Não creio no chamado dos ociosos.
Não creio na abnegação dos comodistas.
Não creio na pregação dos desanimados.
Não creio na liderança dos apáticos.
Não creio nas providências do promessista.
Não creio no talento dos ineptos.
Não creio na capacidade dos incompetentes.
Não creio na oração dos desobedientes.
Não creio na temperança dos glutões.
Não creio na modéstia dos vaidosos.
Não creio na palavra dos relapsos.
Não creio na inocência dos perversos.
Não creio na doença dos preguiçosos.
Não creio na honestidade dos velhacos.
Não creio na verdade dos mentirosos.
Não creio na bondade dos maus.
Não creio na prudência dos tolos.
Não creio na fidelidade dos ladrões.
Não creio no elogio dos bajuladores.
Não creio na juventude dos «coroas».
Não creio na reforma dos pseudo-reformistas
Não creio na religião dos fanáticos.
Não creio na sinceridade dos hipócritas.
Não creio na santidade dos fariseus.
Não creio na simulação dos lobos.
Não creio na espiritualidade dos maldizentes.
Não creio na simplicidade dos astutos.
Não creio nas acusações dos demolidores.
Não creio na tolerância dos ignorantes.
Não creio na regeneração dos extremistas.
Não creio na humildade dos pretensiosos.
Não creio na piedade dos falsos irmãos.
Não creio na caridade ds avarentos.
Não creio na hospitalidade dos egoístas.
Não creio na causa dos cabeludos.
Não creio na paz dos barbitúricos.
Não creio na decência dos alienados.
Não creio na limpeza dos imundos.
Não creio na sinfonia dos ruídos.
Não creio na felicidade dos degenerados.
Não creio na superioridade dos nulos.
Não creio na alegria dos promíscuos.
Não creio na virtude dos vícios.
Não creio no futuro dos decadentes.
Não creio na arte dos rabiscos.
Não creio na beleza dos borrões.
Não creio no talento dos insensatos.
Não creio na cultura dos medíocres.
Não creio na evolução dos macacos.
Não creio na veracidade das fábulas.
Não creio na basófia dos pernósticos.
Não creio na ordem dos caóticos.
Não creio na grandeza dos pigmeus.
Não creio na incredulidade dos ateus!

A Verdadeira Lição da «Apolo-15»

Por A. Casaca

Outra missão cumprida, em fins de Julho e princípios de Agosto, últimos, a do «Apolo-15».

Mais uma vez, a humanidade embandeirou em arco, prosseguindo, porém, cada vez mais cega e longínqua acerca do verdadeiro significado dos voos espaciais.

Como sempre, os filhos das trevas esperam rejubilar quando puderem — indevida e sofisticamente — proclamar aos quatro ventos a confirmação de erros que Satanás não se cansa de propalar e manter, através dos tempos.

Entre esses erros basta mencionar os que dizem respeito à origem da Terra e ao aparecimento da vida.

Os Evolucionistas continuam a esperar que os astronautas lhes forneçam provas — pseudoprovas — acerca daqueles dois factos, cuja explicação encontramos tão clara e tão singela na Palavra de Deus.

Os tripulantes da Apolo-15 foram saudados por autoridades civis, políticas e religiosas. Não nos interessam as duas primeiras. Interessam-nos, sim, as saudações das autoridades religiosas. Entre estas sobressaiu a de um chefe da maior denominação cristã. E foi, tristemente, desoladora.

Efectivamente, nem sequer uma única palavra para agradecer a Deus, o que se realizara. Nem a mais pequena oportunidade de entoar um cântico de louvor à infinidade, à omnisciência de Deus, que se manifesta através da imensidade do Cosmos.

E este silêncio já é grave, numa saudação de um chefe religioso.

Mais grave, porém, é o aspecto negativo, que se traduz no silêncio do que tais voos deviam romper, desvendar e apregoar.

O verdadeiro significado dos voos espaciais — nunca é demais repeti-lo — é o seguinte: anunciam a próxima vinda do nosso Divino Salvador.

Por isso, nada se diz a este respeito, através dos grandes meios de informação.

Quando Jesus está próximo a voltar é que o poder das trevas suscita todo o cenário das coisas mais extravagantes, precisamente, para desviar a atenção do mundo para tais coisas, levando a humanidade a esquecer, totalmente, a Vinda gloriosa do Salvador.

Recordemos, brevemente, o episódio da Torre de Babel.

Precisamente, quando os construtores da Torre se encontravam com grande entusiasmo pela realização daquele seu propósito que era um desafio a Deus, precisamente, nessa altura, é que se deu a intervenção divina para lhes suster a obra e reduzi-la ao nada.

Eis, pois, como nós devemos encarar os voos e viagens espaciais, que são, evidentemente, uma demonstração da inteligência humana, dessa inteligência que o homem recebeu do Criador e que não é, de modo algum, o resultado de qualquer evolução através de milhões de anos, partindo de geração espontânea para se ir aperfeiçoando até o ponto em que hoje constrói o cérebro electrónico e lança no espaço sideral os Apolos e outros foguetões e naves.

Antes de mais, temos de dirigir, mais que nunca, os nossos pensamentos, também para o nosso Divino Salvador e ouvir o que nos está dizendo, muito discretamente no íntimo da nossa alma: «Tal como os de Babel, pretendendo sair da Terra — o elemento natural do homem — provocaram a intervenção imediata de Deus, dispersando-os por toda a parte, assim também agora, pretendendo o homem sair do seu elemento natural, está a recordar a Minha anunciada intervenção.»

Pelo meio dos céus estão voando os três anjos proclamando os juízos de Deus, conforme sabemos por Apocalipse 14.

A cegueira geral leva a humanidade a não usar os voos espaciais para anunciarem a próxima Volta de Jesus.

Que não seria, se em vez de se espalhar

Continua na pág. 4

"Lembra-te do dia de Sábado para O santificar"

No Decálogo, isto é, na exposição da LEI DE DEUS o Mandamento que se refere ao Sábado, compreende quatro versículos: de 8 a 11 do Capítulo 20 de Êxodo.

Não há ninguém, absolutamente ninguém, despido de preconceitos que não perceba o seu conteúdo.

Pois, apesar da sua simplicidade das palavras, cujo sentido é claro, é óbvio, é intuitivo — mesmo assim, tem sido puxado, repuxado, esfrangalhado, sinal evidente de que é a base e o fundamento da verdadeira obediência do homem à Lei de Deus e que é, igualmente, a grande pedra de toque dessa mesma obediência.

Os ataques dirigidos contra o Mandamento do Sábado começaram por lhe impugnar a sua posição numérica.

Os seus adversários pretendem, antes de mais, renegar a existência do Sábado identificado, plenamente identificado, individualizado na semana, onde ocupa o lugar do seu último dia, precisamente o sétimo.

Lemos no Mandamento, em questão: «Lembra-te de santificar o dia de Sábado. Trabalharás, durante seis dias e neles farás toda a tua obra. O sétimo dia, porém, é o Sábado do Senhor teu Deus....»

Imaginemos que tínhamos, diante de nós, o seguinte horário: «O trabalho começa às oito horas e termina às quinze horas, excepto nas quintas-feiras, em que começa às dez e termina às doze».

Haverá alguém que não perceba a determinação deste horário?

Os adversários do Sábado começam por dizer que não se trata de um dia determinado na semana, mas apenas de um dia, que ocorrerá, de sete em sete dias, e no qual se repousará.

Perguntamos: onde se lê tal coisa no IV Mandamento?

A interpretação — falsíssima — ainda poderia alegar, com uma certa hesitação, que não está bem explícita a série dos dias da semana... e, por isso, se poderá dizer que se trata de um qualquer sétimo dia!

Vejamos se temos ou não a indicação clara da série dos dias da semana.

No relato da Criação, no capítulo I de Génesis encontramos, sem a mínima dúvida de interpretações a série habitual da aritmética na enumeração dos dias da semana, desde o primeiro dia até ao último, o Sétimo, precisamente, o Sábado. E termina o relato — já no capítulo segundo e no versículo 3 com a declaração explícita da santidade que Deus conferiu ao Sétimo Dia da semana, o SÁBADO, conforme lemos: «Assim os céus e a terra e todo o seu exército foram acabados. E havendo Deus acabado, no dia sétimo, a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera». (Génesis 2:1-3).

Não há, portanto, razão para interpretar, em vez de Sábado, o sétimo dia da semana — *qualquer sétimo* dia da semana.

A guarda do Sábado, tal como Deus a preceitua, teria evitado os seguintes grandes erros: politeismo, evolucionismo.

O politeísmo admite a existência de muitos deuses. O IV mandamento diz-nos que «O Senhor fez em seis dias o céu e a terra e o mar e tudo o que neles há». Um só Deus, o Criador de todo o Universo.

Conforme o relato do capítulo 1.° de Génesis o homem foi feito por Deus, sendo obra das suas divinas mãos. No IV Mandamento se recorda que Deus fez tudo quanto há no céu, na terra e

no mar; portanto, também o homem. Logo o homem não provém de nenhuma evolução de seres inferiores que através dos séculos e das gerações se iriam aperfeiçoando. O homem não é um filho do macaco como pretende o Evolucionismo, mas é filho de Deus, como nos diz a Sagrada Escritura.

E assim compreendemos perfeitamente o que escreve a Irmã White: «Visto que o Sábado é a memória do poder criador, é o dia em que de preferência a todos os outros devemos familiarizar-nos com Deus, mediante as suas obras. Na mente infantil, o próprio pensamento do Sábado deve estar ligado à beleza das coisas naturais. Ditosa é a família que pode ir ao lugar de culto, aos Sábados, como iam Jesus e seus discípulos à sinagoga, através de campos, ao longo das praias do lago, ou por entre bosques». *Educação,* pág. 251).

Mas os adversários do Sábado não contentes com a modificação da série natural dos algarismos, atacam, inclusivamente, o conteúdo da determinação jurídica estatuída pelo Mandamento. Lê-se, claramente no IV Manmento: «... Trabalharás durante seis dias e farás neles todas as tuas obras. O sétimo dia, porém é o Sábado do Senhor teu Deus: não farás nele obra alguma nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu gado, nem o peregrino que está dentro das tuas portas...»

Que vemos, por aí fora, no tocante a este preceito, sobre a maneira como os crentes cumprem tal proibição no dia que os homens substituiram pelo Sábado do Senhor?

Deus estabelece o seu Sábado como dia de repouso, dia de oração, dia de culto, dia de comunhão com Ele por intermédio da contemplação das obras da natureza.

É assim que se guarda o dia que procura substituir o Sábado?

Se há dia na semana em que maiores ofensas se fazem contra Deus é, precisamente, naquele tal dia que pretende substituir o Sábado do Senhor.

Até se permite efectuar actos religiosos obrigatórios daquele tal dia, passando-os para a véspera — por sinal o Sábado — desde que seja mais cómodo, como por exemplo, ter de sair de casa para passar fora o fim de semana!....

Como se alargou o caminho!....

Mas como é estreito o caminho que leva á salvação...

Por isso, queremos cumprir as ordens do Senhor e, com a sua ajuda, guardr os seus Santos Mandamentos, nomeadamente o Mandamento do Sábado.

A Verdadeira lição da «Apolo-15»

Continuação da pág. 2

por toda a parte, através de rádios e televisões as horas do despertar dos astronautas, o seu caminhar incerto na superfície lunar, a recolha de pedras... — que não seria, repetimos — se em vez destas coisas os astronautas recordassem para a Terra que temos de aguardar a Volta de Jesus, conforme Ele prometeu?

Aguarda-se com ansiedade o regresso dos astronautas; voltam, mas à vezes, sem vida.

Jesus prometeu voltar, vai cumprir a sua Palavra divinamente honrada. Nem todos os homens podem realizar voos espaciais.

Mas Jesus está-nos, agora mesmo, preparando uma viagem interplanetária, que vai desbancar todas quantas o homem puder realizar.

Jesus quer que tomemos parte nessa viagem que Ele mesmo dirigirá.

Virá buscar-nos e quando vier transformará os nossos pobres corpos mortais e imperfeitos em cropos gloriosos que, sem cápsulas nem módulos, serão capazes de atravessar os espaços siderais, dirigidos por Jesus, a caminho da Pátria Celestial.

Que a nossa fé se revigore, cada vez mais, perante os voos — os bisonhos voos à Lua — que a nossa fé na Volta iminente de Jesus resplandeça brilhantemente para que muitas e muitas preciosas almas queiram também tomar parte na grande viagem espacial que Jesus nos está preparando.

Através dos Campos da Seara

«Assim será a palavra que sair da minha boca: ela não voltará para Mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei». Isaías 55:11.

A Palavra de Deus tem um poder «peculiar e transformador». Ela transforma o coração de cada pessoa que deseja dedicar-se a Ele. Faz com que o malandro se torne bondoso, e o bêbado deixe o seu vício e torne a ser honesto, o adúltero torne a ser pessoa séria, o larápio torne a ser pregador da verdade, o bandido torne a ser cumpridor da palavra, o preguiçoso torne a ser trabalhador.

Ela «é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada aguda de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração». Heb. 4:12.

Disse Jesus: «Quem me rejeitar a mim e não receber as minhas palavras, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado, essa o há-de julgar no último dia». S. João 12:48.

Deus deseja a cada um de nós uma consagração completa ao Seu ministério.

À procura de almas perdidas, eu e o irmão Tadeu Lucas, resolvemos ampliar esta Obra que era apenas para as duas catequeses Nungulo e Galileia, ficando assim ao encargo dos irmãos Professores Carvalho Chicola e Armando Henriques que orientavam os dois grupos de Finalistas e resolviam os problemas religiosos dessas localidades.

Pela ordem do Pastor Paulino Dias e da Comissão de nomeções saímos para atacar as pessoas de corações contritos e quebrantados pelo poder do diabo. Tivemos que trabalhar no Campo Missionário do Bongo e percorremos entre Bongo e Lépi e do Lépi a Longonjo e Emanha, com os cartões de inscrições da Escola Bíblica Postal e o número aumentou.

Fizemos um contacto pessoal com eles e animámo-los em circunstâncias de doenças.

Também tivemos o privilégio de vender-lhes livros religiosos. Nas sextas-feiras à tarde e aos Sábados demos estudos bíblicos de casa em casa, ensinando a cantar as pessoas que desejavam aprender esta mensagem.

A primeira visita Missionária feita pelo Pastor José Sincer trouxe um interesse especial aos estudantes da Escola Bíblica Postal. Com ele visitamos muitos lares não adventistas.

Entre esses assinantes há muitos jovens adventistas nominais que conheciam a verdade e hoje não a seguem. Que dizem as Sagradas Escrituras? «Aquele pois que sabe fazer o bem e o não faz, comete pecado». Tiago 4:17.

O trabalho é imenso. Necessita de pregadores vivos, que se dediquem a Deus a favor da humanidade.

Encontram-se no Longonjo muitas pessoas que desejam dedicar-se a Deus, mas não têm quem lhes conte deste amor. Eles necessitam dum salão, onde possam adorar a Deus. Há um bom número de pessoas que desejam assistir às nossas reuniões Sábado após Sábado.

Prezados jovens adventistas: O trabalho da Evangelização está em vosso poder. Deveis lembrar as palavras proferidas pelo Pastor Samuel Monier de que: Angola deve ser ganha para Cristo em 10 anos. Estão procurando salvar almas perdidas no pecado, ou estão satisfazendo as vossas vontades?

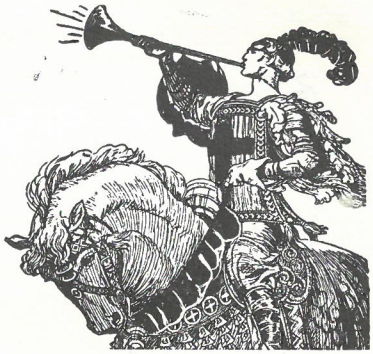
Eis que Jesus vem! Por isso é o vosso privilégio de ganhar almas para Cristo.

Que Deus abençoe a Sua Obra nesta Terra.

Vosso irmão em Cristo,

Salomão Rafael Bartolomeu

Página da Juventude



O Tempo que Requer Fortaleza

Os Missionários Voluntários presenciam actualmente a decadência de uma civilização envôlta no pecado. Contemplam acontecimentos preditos há muitos anos, os quais se desenrolam ràpidamente. Vêem o erguimento e a queda das nações, a magia das invenções modernas, o choque de filosofias novas e estranhas, a ofuscante tocha do pecado e o poder regenerador do Evangelho.

De uma posição actual, os Missionários Voluntários podem vislumbrar o futuro na prespectiva do passado. Observam que o mundo inteiro se torna receptivo à mensagem adventista, e percebem que os aguarda uma obra extraordinária.

A areia está-se escoando no relógio do tempo. Vivemos em uma época de oportunidades fora do comum para os que tiverem visão e compreenderem o significado das coisas, para os que tiverem coragem de lançar-se às oportunidades, e vontade de aproveitá-las.

Nas palavras da serva do Senhor, «a maior necessidade do mundo é a de homens — homens que se não comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exacto; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússula o é ao polo; homens que permaneçam firmes pelo que é recto, ainda que caiam os céus». — Educação, pág. 57.

Para a juventude de hoje como para Timóteo, escreveu Paulo estas palavras: «Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus. Sofre pois, comigo, as aflições como bom soldado de Jesus Cristo». II Timóteo 2:1 e 3.

Para o fraco, este é um dia de tragédia e ruína; para o forte — o bom soldado de Cristo — hoje é o dia de felizes realizações. Este é o momento em que a juventude da igreja deve desempenhar uma extraordinária actividade «Partilha Tua Fé».

Os jovens da igreja remanescente possuem coragem suficiente para renunciar àquilo que é egoista, baixo e mau; bom discernimento para escolher aquilo que é correcto e o que é digno: além de vigor para perseverarem até ao fim.

Visado pela Censura

A Liberdade Religiosa

IV

por A. Casaca

O homem da rua assim como o filósofo acreditam e procedem na vida prática como sendo realmente livres, atribuindo esta mesma qualidade aos seus semelhantes.

Entretanto, depois, em posteriores congeminações é que o filósofo pergunta se não se tratará de uma ilusão o supormos que somos livres.

Negada a liberdade teríamos a destruição da nossa actual sociedade a até o conceito do próprio Cristianismo a propósito de um Deus santo e justo.

Efectivamente, se o homem não é livre, então têm de desaparecer os castigos; há que fechar as prisões e abrir hospitais. O criminoso não pode ser castigado, porque tendo realizado o acto mau que o levou a ser preso, dirá muito simplesmente — ou o advogado por ele — que não pôde deixar de fazer o que fez, da mesma maneira que a máquina não pode deixar de trabalhar, uma vez posta em actividade.

A negação da liberdade faz desaparecer as noções de mérito e de desmérito.

Da mesma maneira, se o homem não é livre, então também Deus não pode castigar o pecador, porque, tendo este feito o mal, não podia deixar de o fazer, porque não era livre.

Em todos os tempos, sempre os homens reconheceram a sua liberdade, pois sem ela não podia haver responsabilidade.

Pedimos contas do bem e do mal que se praticou, precisamente, porque o homem é livre.

É esta a chamada liberdade psicológica ou psíquica que é a raiz, o fundamento das outras liberdades, tais como: civil, religiosa, de escolha de profissão, de pensamento, de associação, etc.

Se o homem não tivesse a liberdade psíquica, não se podia falar das outras liberdades.

Negam a liberdade os chamados *deterministas* que dizem que o homem já tem «determinação» para fazer isto ou aquilo.

Não apresentam argumentos válidos para negar o precioso dom da liberdade.

É tão grande e elevado este dom que Deus nos concedeu — o de sermos livres — que até Ele mesmo, o próprio Deus o respeita nas suas criaturas.

Deus podia ter acabado com o pecado, apenas o pecado entrou no mundo; bastava retirar a liberdade aos seres inteligentes aos quais a tinha dado.

Importa porém não confundir o uso da liberdade com o seu abuso.

O pecado, por exemplo, é o resultado do abuso da liberdade.

Assente, portanto, a existência da liberdade, vamos procurar fazer algumas considerações àcerca da *liberdade religiosa* de tão grande importância na vida dos indivíduos a das Nações.

Já se disse que a liberdade religiosa é o ponto de partida das liberdades civis e políticas.

Disse alguém que a ausência de liberdade, em matéria religiosa pode implicar consequências graves para a estabilidade política de uma Nação e para a paz internacional. A História, infelizmente, está repleta de exemplos que mostram como vidas humanas, sem conta, foram sacrificadas ao espírito de intolerância.

De todas as bênçãos e favores de ordem meramente natural, que Deus nos deu — não falamos, portanto, das graças sobrenaturais — há duas que sobrelevam todas as outras dádivas: a vida e a liberdade.

Veremos, pois, em estudos subsequentes o valor e a importância da Liberdade Religiosa.

«Depois disto o Juizo»

«...Aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo». Heb. 9:27.

Esta passagem é uma solene advertência. Traz-nos à lembrança que a morte não é o fim de tudo. Quando o tempo da graça termina para nós, quer pela morte ou pelo decreto divino, vem em seguida o juízo.

Os adventistas do sétimo dia crêem que o julgamento anterior ao Segundo Advento teve início em 1844. Quando soou a hora no grande relógio profético do Céu, nesse mesmo ano, Deus suscitou um povo que cumpriu a profecia (ver Apoc. 7:1-4; 14: 6-12). Certa vez ouvi um jovem dizer que se não cumprirmos o plano e o propósito de Deus a nosso respeito, Ele levantará outro povo. Eu não creio isso. Creio que o povo chamado em 1844 irá até o reino. É verdade que Deus pode escolher outros para ocupar o lugar de alguns de nós. Como indivíduos, não somos indispensáveis. Mas o Movimento Adventista jamais fracassará.

A doutrina de que os homens terão de defrontar-se com o juízo não foi inventada por nós. Baseia-se na Bíblia. Grandes evangelistas do século passado creram nela e a ensinaram, tais como Moody, Torrey e Chapmann. Billy Graham crê no Segundo Advento e no juízo.

Segundo as palavras de Actos 17:31, Deus «estabeleceu um dia em que há-de julgar o mundo com justiça por meio de um Varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-O dentre os mortos.» Deus julgará um dia o mundo ao qual Ele tanto amou que deu o Seu Filho unigénito para salvá-lo. (S. João 3:16).

Quem terá de prestar contas no juízo? Ele inicia-se com a casa de Deus. «Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?» I S. Pedro 4:17. A segunda etapa, a ocorrer durante o milénio, tem que ver com o julgamento dos ímpios.

Lembro-me de ter ouvido alguém dizer que não podia compreender por que razão precisava haver um juízo. Amigos, não conhecemos os propósitos e desígnios de Deus. Tenho certeza de que Ele não precisa efectuar um julgamento para Sua própria informação. Nós é que precisamos compreender que todos os Seus actos e planos são justos e perfeitos.

O OBJECTIVO DO JULGAMENTO

Qual é o verdadeiro objectivo do julgamento? Gosto de examinar e verificar o que os pioneiros criam a esse respeito. Em sua mais antiga exposição de princípios fundamentais, esse objectivo é apresentado da maneira que segue: «Determinar quem dentre as miríades de pessoas que agora dormem no pó da Terra é digno de tomar parte na primeira ressurreição, e quem dentre as multidões de pessoas que vivem sobre a Terra está em condições de participar da trasladação.» (Review and Herald, 24 de Novembro de 1874, pág. 171). Os pioneiros criam isto e eu também. E estou certo de que vós o acreditais do mesmo modo. Em suma, um dos principais objectivos do juízo é determinar quem será ressuscitado e trasladado quando Jesus vier.

Em Sua volta, Cristo retribuirá a cada um segundo as suas obras (Apoc. 22:12). O juízo decidirá em que consistirá essa retribuição. Ele não purifica do pecado a mente, o coração, as mãos e a alma. Não nos concede poder para vencer tendências hereditárias e cultivadas para o mal. O juízo não torna puros os impuros, nem grava sobre a Igreja o carácter de Deus. Isto se torna evidente se reconhecermos que no juízo são julgados tanto os vivos como os mortos. É impossível purificar do pecado a alma dos mortos.

A mensageira do Senhor declara que a morte não modifica o carácter. «Solene coisa é morrer, mas muito mais solene é viver. Todo o pensamento e palavra e acto de nossa vida será novamente enfrentado. O que fazemos de nós mesmos no tempo da graça, isso havemos de permanecer por toda a eternidade. A morte traz a dissolução do corpo, mas não opera mudança no carácter. a vinda de Cristo não nos muda o carácter; fixa-o apenas para sempre.

O Outro Deus

por J. A. Caetano

«Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-O; e se Baal, segui-o. Porém, o povo não lhe respondeu nada». I Reis 18:21.

Baal morreu, e como não era um deus teve o seu fim. Muitas pessoas dirão: já nada resta de Baal!?

Se pensarmos um pouco poderíamos analizar e perguntar quantos seres humanos Baal não arrastou para a morte eterna? Se no final do Juízo do nosso Deus as pessoas extintas permanecessem em campas, em quantas não se poria esta inscrição: — Esta é uma vítima de Baal. Morreu porque seguiu a Baal. É curioso notar que no tempo de Elias havia quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, e daqui podemos deduzir que para haver tantos profetas, quantos seguidores não haveria?

Baal fez tropeçar muitos dos filhos de Israel conjuntamente com os povos de muitas nações. E se pensarmos que hoje já nada resta de Baal enganamo-nos redondamente. A história de Baal faz-nos lembrar a história de um pequeno agricultor que um dia ao ver o seu burro um pouco velho para determinados trabalhos do campo que exigiam força e vigor dum novo, pensou em vender o seu animal e comprar outro que correspondesse melhor às exigências físicas de que prescindiam os trabalhos.

E se assim pensou, melhor o fez. Um dia quando havia feira na Vila mais próxima, ele se pôs a caminho com o seu jumento pronto a fazer o negócio que tinha em mente; vender o burro velho e comprar outro novo.

Quando chegou à feira apareceu-lhe um cigano e lhe perguntou se ele queria vender o animal ao que ele respondeu que sim. Depois de um pequeno regateio de preços, chegaram a acordo quanto ao negócio e foi o burro vendido por quinhentos escudos.

Passado um pouco de tempo esse cigano passou o burro para a mão doutro cigano o qual tosquiou o burro, limpou-o, deu-lhe um pouco de brilho no pêlo, metendo-lhe um cabresto novo, uma nova albarda, e passa-o para a mão doutro cigano que lhe dá uma série de arreatadas e prepara-se para o voltar a vender.

Enquanto isto o pobre homem já havia corrido a feira toda à procura de outro burro mas ainda não tinha encontrado nada que lhe servisse até que finalmente vê aquele burro corpulento, ao andar parecia saltar, bonito, e era precisamente o que procurava.

Abeirou-se do cigano e perguntou-lhe: — quanto quer pelo jumento?

Mil e duzendos escudos — respondeu o cigano.

Negócio feito — diz o lavrador — e lá levou o seu burro para casa.

Isto também aconteceu com Baal! Baal tosquiou-se, arranjou-se, modernizou-se e todavia continua fazendo parte das nossas vidas. Baal era um deus em oposição ao Deus verdadeiro. Fazia tropeçar os filhos de Israel logo no primeiro mandamento que diz: Não terás outros deuses diante de Mim. E todavia nós hoje ainda andamos muitas vezes com outros deuses diante de Deus que são outros tipos de Baal.

Baal era um deus que tinha a sua origem na Assíria, e hoje temos outro deus enraizado em nós que tem a sua origem no mundo e se chama Mundo.

Quando vemos na palavra de Deus o nome de Baal nós muitas vezes dizemos: agora já não existe este deus; mas ele existe e está tão bem disfarçado que nós nem damos por ele.

Lemos em S. Mateus 6:24: Ninguém pode servir a dois senhores, não podeis servir a Deus e a Mamom.

Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; se Baal, segui-o.

Origem do Culto Dominical

R. S. Fries

A maioria dos cristãos observa hoje o domingo como sagrado dia de descanso. Crêem sinceramente ser a sua observância ordenada por Deus, e surpreendem-se não pouco ao descobrir que não existe nas Escrituras Sagradas tal mandamento. Como, então, veio o domingo a ser guardado como o dia de repouso dos cristãos?

O culto do Sol remonta às mais antigas civilizações. Da Babilónia espalhou-se para os mais remotos confins da Terra.

Voltemos aos dias em que Deus tirou a Israel do Egipto, onde se adorava o Sol. Ao pé do Monte Sinai ouviram-Lhe a voz, proclamando, em meio de trovões e relâmpagos, os Dez Mandamentos. Israel prometeu obediência. Entretanto, poucas semanas depois encontramo-los prostrando-se ante a imagem do deus do Sol, o boi Ápis. «Sacrifícios ofereceram aos diabos, não a Deus», diz a Escritura em Deuteronómio 32:17. Milhares foram mortos por não quererem renunciar a esse sedutor e fascinante culto diabólico.

Tinha o culto do Sol certos dias e tempos em que se adoravam suas numerosas divindades. O primeiro dia da semana era dedicado ao deus-sol.

Como o Israel da antiguidade, a igreja apostólica achava-se rodeada do idólatra culto do Sol. O mitracismo, outro nome desse culto, conseguiu firmar-se em Roma no ano 67 antes de Cristo. Adoptado pelos imperadores e os exércitos de Roma como sua religião, disseminou-se por toda a parte, de maneira que, nos meados do terceiro século chegou a ponto de se tornar a religião universal. «O domingo, sobre o qual presidia o Sol, era especialmente santo», diz o Dr. Fancisco Cumont, em seus Mistérios de Mitra. Inconscientemente, em grande parte, seguiu a igreja cristã o apóstata Israel, inclinando-se ante o ídolo do deus-sol.

Esta apostasia estava predita na Palavra de Deus. O apóstolo Paulo advertiu que viria tempo em que se manifestaria uma «apostasia», revelando-se «o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus». II Tessalonicenses 2:3 e 4. Disse o apóstolo: «Já o mistério da injustiça opera». (Versículo 7). Em seu tempo, já se estava desenvolvendo a raiz da apostasia.

Por alguns anos, depois da morte de Cristo, a igreja cristã andou à luz da palavra de Deus; mas «pouco depois da morte dos primeiros apóstolos, começou a efectuar-se um eclipse dessa luz gloriosa. Até pelo fim do quarto século ele se tornara quase total. A filosofia pagã e ritos pagãos haviam alterado a igreja e corrompido suas práticas. Ignorância e superstição tomaram posse da igreja». F. d'Aubigné, História da Reforma.

Reconhecem as principais autoridades da igreja que o domingo «penetrou furtivamente, reclamando depois o lugar» de uma instituição divina. Em seu livro The Lord's Day, publicado pela União Americana de Escolas Dominicais, o autor, A. E. Waffle, faz a seguinte admissão: «Não se pretende que os apóstolos tivessem começado a guardar o primeiro dia da semana imediatamente depois da morte de Cristo. A mudança foi gradual». — Página 189.

«Quanto à ocasião em que o domingo começou a ser geralmente empregado pelos cristãos como determinado tempo de reuniões religiosas, não temos informações definidas, quer no Novo Testamento quer nos escritos dos pais da igreja. Por nenhum dos pais,

antes do quarto século, é ele identificado com o sábado, tampouco baseiam eles o dever de observá-lo, no quarto mandamento, ou no preceito e exemplo de Jesus.» — Chamber's Encyclopedia, artigo «Sábado.»

No quarto século a apostasia ganhava ascendência rápida. Semelhantemente a outros césares, Constantino reclamava divindade. Era adorado como deus. Como sumo sacerdote do culto solar, tinha o título de Pontifex Maximus.

No ano 321 de nossa era, tornou Constantino o domingo um dia santo civil, mediante o édito seguinte: «No venerável dia do Sol, descansem todos os magistrados e povo residentes nas cidades, e fechem-se todas as oficinas.» Esta lei dominical não fazia referência ao sábado. Não alegava nenhuma base na Escritura Sagrada, como razão de sua observância. Era o domingo designado, em termos distintamente pagãos, como o «venerável dia do Sol.»

Logo depois deste édito de um imperador pagão, impondo o «dia do Sol», os bispos da igreja cristã foram convocados em concílio, na cidade de Nicéia, no ano 325. Constantino presidiu ao concílio. Professava o cristianismo, embora só fosse baptizado posteriormente, no leito de morte. Foi nesse Concílio de Nicéia que Constantino ordenou que a solenidade da Páscoa fosse observada em toda a parte no mesmo dia, segundo o costume de Roma. Domingo, o dia observado pelo mundo pagão, em honra do «deus-sol», começou a ser observado pela igreja apostatada. O «sábado do Senhor» começou desde logo a ser estigmatizado como «o sábado judaico». O sentimento que existia, contra tudo o que fosse «judaico», bem se acha expresso pelo imperador, que disse: «Não tenhamos, pois, coisa alguma em comum com essa hostil plebe dos judeus.» — Historical View of the Council of Nicea, de Boyle, pág. 52.

«Esta tendência por parte dos cristãos de ir ao encontro do paganismo, desenvolveu-se muito cedo. ... Homens sinceros lutaram por deter a onda, mas a despeito de todos os seus esforços, a apostasia prosseguiu, até que a igreja, com excepção de um pequeno remanescente, se submergiu na superstição pagã.» — The Two Babylons, pág. 93.

Bem cedo a igreja apóstata nada mais era do que o paganismo baptizado. Lede esta confissão sincera: «A igreja adoptou a filosofia pagã e tornou-a o escudo da fé contra os pagãos. ... Adoptou o domingo pagão, tornando-o o domingo cristão. ... Existe, na verdade, algo de real, de soberano àcerca do Sol, o que o torna apropriado emblema de Jesus — o Sol da Justiça. Daí, ao que parece, o haverem dito as igrejas naqueles países: 'Conservemos esse velho nome pagão. Ele se tornará consagrado e santificado'. E deste modo o domingo pagão, dedicado a Balder (deus da mitologia escandinava), tornou-se o domingo cristão, consagrado a Jesus.» — The Catholic World, Março de 1894, pág. 809.

Diz-nos a história que o sábado não foi fàcilmente desarraigado. Por muitos anos depois da introdução do domingo na igreja, foi o sábado guardado juntamente. Por vários séculos foram o sábado e o domingo considerados de importância virtualmente igual. Diz Waffle, muito acertadamente: «Observar dois sábados era ir além de qualquer lei, humana ou divina. ... Assim aconteceu que a observância do sétimo dia gradualmente foi abandonada por quase todos os cristãos, e sua substituição pelo domingo se tornou completa.» — The Lord's Day, pág. 204.

Foi deste modo que o pagão dies solis chegou afinal a ser honrado como instituição divina, enquanto o sábado bíblico passou a ser considerado uma lembrança do judaismo, sendo pronunciada maldição sobre os seus observadores.

Para obrigar todos a observarem o pagão domingo, decretou o Concílio de Laodicéia: «Os cristãos não deverão judaizar e andar ociosos no sábado, mas sim trabalhar nesse dia; mas o dia do Senhor devem eles honrar especialmente e, como cristãos, não de-

Continua na pág. 14

Minha religião e o que ela significa para mim

Edgar Guest

A religião tem sido aquilo que, por si só, mais influência tem exercido em minha vida. Ao deitar um olhar retrospectivo a minha existência vejo que se não fôssem os ensinamentos espirituais e o auxílio que recebi de minha mãe, nunca teria chegado a conseguir as coisas que mais me têm fortalecido, animado e causado prazer. Estou certo de que sem essa crença religiosa que ela me infundiu, não me acharia agora onde me encontro. Não teria os amigos que tenho nem ocuparia a posição que hoje ocupo. Achar-me-ia no deserto da dúvida e do ceticismo, andando às apalpadelas e lutando por alcançar êxito material mediante os pobres instrumentos que minha capacidade me proporcionasse.

Sem minha religião teria criado inimigos onde tenho conquistado amigos. Sem minha religião, haveria descido onde tenho ascendido; teria sido mesquinho, onde me tenho comprazido em ser generoso; teria sido evitado por aqueles que me têm dado as boas-vindas, e ainda que houvesse ganho dinheiro e economizado parte dele, estou certo de que haveria feito muitas coisas que me seriam causa de vergonha e desgosto. Sem minha religião o resto de mim mesmo teria sido menosprezado e não desfrutaria a estima em que me têm os demais. Estou convencido de que a religião é necessária para a relização de coisas dignas. Quero que meu filho o saiba. Quanto mais cedo descubra um jovem que a crença em Deus e em Seu desígnio divino são de importância capital para sua carreira, melhor. Preferiria morrer sem deixar a meu filho nada, a não ser a religião, do que legar-lhe uma fortuna sem religião.

Se consigo infundir-lhe como minha mãe infundiu em mim, a idéia de que Deus lhe deu uma alma que lhe pertence para toda a eternidade, que foi agraciado com faculdades divinas destinadas a embelezar e glorificar essa alma, se posso transmitir-lhe a firme crença num Ser Supremo, não me preocuparei com seu futuro: está bem protegido contra a tentação. Poderá ver prosperar temporàriamente os velhacos, mentirosos e desonestos e ainda conservar a honradez. Com uma tal fé, poderá ser viril, ter fé em si mesmo, ser independente, alegre, artista, atleta, sociável e qualquer coisa a que se proponha. O jovem que tiver fé em Deus terá fé em si mesmo. O jogador de futebol que tem religião é melhor jogador que aquele que a não tem. O homem de negócios que possui uma religião viva, real, fervorosa, é melhor que o homem de negócios céptico e profano. Quase todos os grandes homens de quase todas as épocas têm sido religiosos.

Mas, juntamente com sua fé, quero que meu filho tenha respeito pela religião dos demais. Sua alma jamais poderá chegar a ser verdadeiramente grande, se a cingir com a camisa de força do fanatismo. De quem mais a religião tem sofrido, tem sido dessas duas classes de pessoas: os hipócritas e os fanáticos. Os fanáticos têm manchado o conceito do cristianismo com derramamento de sangue e crimes; os hipócritas têm feito a religião parecer ridícula e falsa. Difícil seria averiguar qual das duas classes lhe tem causado maior dano. Os fanáticos têm apartado pessoas da igreja; os hipócritas têm impedido de a ela se unirem um sem número de almas.

Quero que meu filho saiba que pode ter religião sem ser efeminado. Pode

manter juntamente sua fé e sua virilidade. Pode rir-se e ser religioso; pode dedicar-se a certos desportos; em suma, pode manifestar a seu modo o gozo da vida, e ser ao mesmo tempo religioso. Não vejo na crença coisa alguma que possa transformar uma criatura humana naturalmente robusta, alegre, de espírito são, em uma pessoa intolerante, falsa, de cara comprida e sorriso forçado. O fanático religioso e o hipócrita religioso se têm salientado durante muito tempo, se bem que não constituam verdadeiros tipos de religião cristã. Inconscientemente têm tornado muito difícil aos seus melhores chefes espirituais o ensino da religião. Têm dado lugar a muitos preconceitos que ainda subsistem e contra os quais suas vítimas lutam em vão.

Passo agora a fazer uma espécie de inventário daquilo que devo a minha religião. Estou, sem dúvida, satisfeito, porque a ela devo os hábitos melhores que tenho adquirido; os maus hábitos, as fraquezas e defeitos devo-os a influências menos elevadas, mais materiais. Minha religião me tem inspirado os versos que mais agradam. A ela devo meu lar e a paz que nele reina. Devo à minha religião a capacidade de conquistar amigos e de os conservar. Também lhe devo a paciência e firmeza de propósito que haja exercido. Devo à minha religião minha faculdade de compreensão, pois por meio de minha mãe e de seus ensinos religiosos tive a primeira visão da grande fraternidade humana.

E quão singelo e prático tem sido tudo! Não tem alterado minha naturalidade nem mudado no mínimo meu temperamento. Tem regulado minha conduta, mas nunca me impediu de praticar um desporto apropriado, nem me tem privado de empreender um negócio no qual me fôsse lícito aventurar-me.

Fui repórter de uma revista, e aos domingos era minha obrigação dar notícias referentes às igrejas. Ao fim de alguns anos tinha ouvido os doutores de quase todas as religiões e credos. Havia assistido a cultos protestantes, a sinagogas judias ortodoxas e judias reformadas; a missas na igreja católica; a baptismos na igreja baptista; reuniões de reavivamento nas igrejas, e assim sucessivamente, para não prosseguir na longa lista delas. Estive em catedrais e em pequeninas capelas de missões, e descobri que todas elas, desde a mais sumptuosa até à mais humilde, se esforçavam por conseguir o mesmo resultado — fazer bem. Nunca estive numa igreja onde o pastor tentasse, mediante suas declarações, degradar a um homem ou rebaixar suas normas de vida ou seus ideais.

Com o decorrer do tempo descobri ainda uma outra coisa: minhas visitas a essas igrejas haviam aumentado o número de minhas amizades. Há um certo rabino que conto entre os meus amigos desde aqueles dias, muitos anos atrás. O mesmo posso dizer do bispo G., da igreja católica, e de outro, H., da igreja metodista. Conto entre os meus amigos sacerdotes, pastores e membros leigos de todas as denominações e de quase todas as crenças. Quanto haveria eu perdido se tivesse permitido que a religião erguesse em torno de mim um muro de preconceitos! Que seria de mim, se tivesse de limitar o número de meus amigos àqueles que são da mesma fé?

Nos dias em que trabalhava como repórter ajuntei à minha religião a resolução de não ser fanático. Decidi não tomar antecipadamente antipatia ou simpatia a nenhuma criatura humana por causa de sua religião. Decidi respeitar aquilo que dá consôlo a outro. O homem cuja crença em Deus é bastante forte para o induzir a ir a qualquer igreja, tem comigo esse laço de parentesco que o torna como um irmão. Um indivíduo pode perder minha amizade por sua má conduta, perder meu respeito por seus maus hábitos de vida e seu proceder desonesto; poderei evitá-lo porque seja orgulhoso, vulgar e antipático; poderei desprezá-lo por descobrir que é mentiroso, enganador, ou um grande soberbo, um esposo infiel e um mau pai, porém nunca o hei-de censurar por motivo de sua fé, nem lhe negarei minha boa

vontade por causa de sua religião. Tenho buscado sempre ser tolerante. Ao passo que me apego a minha religião, tenho tratado, quanto esteja ao meu alcance, de apoiar e respeitar todas as igrejas.

Meu filho, sê tolerante com a fé de teu irmão. Coisa alguma do que ele aprenda em sua igreja o degradará. Religião alguma o ensinará a enganar, a prejudicar ou a desencaminhar alguma pessoa. Se o achares indigno de tua confiança e companhia, não será por culpa de sua igreja, mas apesar dela. Podes estar seguro de que adquiriu em outra parte seus hábitos viciosos e seus costumes baixos. Não é mau porque seja católico, judeu ou protestante; é mau porque traíu sua religião.

A religião é mais necessária a um jovem que a um ancião. As pessoas de idade podem encontrar consolo na igreja, mas seus hábitos de vida já estão estabelecidos, e acham-se relativamente garantidos contra os perigos sérios. Os jovens têm sofrido pouco, e não necessitam do consolo que os velhos buscam. Necessitam de amizades, ideais, sabedoria, força e conselhos, e de oportunidade para realizar seus sonhos. Necessitam de risos, cantos, bom humor, bons pensamentos e de uma compreensão humana, coisas que a religião lhes pode prover.

A religião vale a pena. Tem isto em consideração, meu filho: os velhacos, ou libertinos, os bandidos, os alvoroçadores e todos os que se constituem os elementos inferiores da sociedade, raramente ou nunca são religiosos. Mas os que se acham à testa em todos os ofícios ou profissões, são-no, em geral. Se esperas para ti o melhor; se queres tirar o melhor proveito de ti mesmo e de tuas oportunidades; se queres conquistar a honra, a simpatia e a estima do mundo, necessitarás de todo o valor, da inspiração e da força que tua religião te possa proporcionar. Sem religião, jamais conseguirás adquirir a grandeza que adquiriras com ela.

Podes conservar tua fé em Deus, meu filho, seja qual for a profissão que escolhas. Ela não restringirá tua oportunidade, nem chegará a ser um obstáculo para tua ambição. Não te privará de um só prazer puro, nem alienará de ti nem um amigo digno. Não terás de associar-te com hipócritas e santarrões para seres religioso. Podes continuar a ser viril e forte.

Talvez não o creias agora, mas um dia virás a descobrir que todos os homens bons de todos os ofícios e profissões, têm religião. Têm suas pequenas faltas e fraquezas, mas são sustidos nas provações por uma fé inquebrável em Deus, e mantêm suas almas e vidas o mais puras que lhes é possível, para a vida eterna que há-de vir.

Origem do Culto Dominical

Continuação da pág. 11

vem fazer obra alguma nesse dia. Se, porém, forem encontrados judaizando, serão excluídos de Cristo». Este acto do Concílio de Laodicéia é considerado um passo definido na questão da transferência do dia de sábado para o domingo.

Aliás, convém notar que, conquanto só por essa época a observância do domingo se generalizasse e por assim dizer se oficializasse entre os cristãos, já muito antes de Cristo havia os que guardavam o domingo. «A origem da observância do primeiro dia da semana remonta à longínqua antiguidade do paganismo, milhares de anos antes do advento de Cristo». «Os cristãos primitivos,» diz Hutton Webster em sua obra Rest Days, «adoptaram a princípio a semana judaica de sete dias, com seus dias numerados, mas pelo fim do terceiro século ela começou a dar lugar à semana planetária; e no quarto e quinto séculos as designações pagãs tornaram-se geralmente aceitas na metade ocidental da cristandade.

Verdade é que hoje muitos cristãos guardam o domingo, em toda a sua sinceridade. Isto, porém, não pode alterar o facto de que este dia jamais foi santificado por Deus. Nunca sobre ele pronunciou o Senhor uma bênção que o distinguisse dos outros dias.

Criticar ou perdoar?

João P. de Sousa Oliveira

Diz o Apóstolo Tiago que quem domina a língua é perfeito varão. Esse pequeno membro é usado para falar coisas agradáveis e edificantes, e, ao mesmo tempo, coisas destrutivas. Com ela glorificamos a Deus e criticamos o homem à Sua semelhança. Agindo assim, indirectamente estamos criticando o Criador.

Quando Maria Madalena ungiu a Jesus com aquele perfume caríssimo, achava-se ali um avarento pronto a criticar. Judas era amante do dinheiro e julgou ser um desperdício o que ela estava a fazer.

Aprendemos assim uma importante lição: Quando criticamos, algo de errado existe em nós; quem sabe, a inveja ou a cobiça.

A tendência humana é estar sempre criticando, directa ou indirectamente.

Quando estamos vendendo alguma coisa, procuramos convencer o cliente de que o nosso produto é melhor do que o de fulano, nosso concorrente.

É justamente por isso que o apóstolo diz que quem refreia a língua é perfeito varão.

Que exemplo deixou o nosso Mestre? Quando era preciso reprovar a atitude errada de alguém, Ele, através de parábola, levava as pessoas a confessarem o seu mal. Se era preciso reprovar claramente, Ele o fazia.

Se desejamos ser consagrados e ainda existe em nós o hábito da crítica, algo está errado. Quando realmente estamos subindo os degraus da perfeição, brota espontâneamente um amor em nosso coração, para com os nossos irmãos e amigos, que não nos permite falar da parte negativa de alguém, embora seja esta a inclinação humana.

O que fazer então? Vendo algo errado, não é nosso dever perdoar? O que ensinou Jesus? — Que não poderemos ser perdoados se não perdoarmos aos nossos irmãos. E na maioria das vezes a crítica destrutiva é levada para a frente, porque nos falta esta atitude de perdão.

Comentando o que Jesus respondeu a Pedro sobre perdoar até setenta vezes sete, alguém disse que devemos perdoar sem ser preciso que o nosso ofensor venha suplicar-nos o perdão.

Concordo plenamente com isso, e acredito ser este o dever de todo aquele que professa o cristianismo. Se assim procedermos, não poderá haver lugar para a crítica em nosso coração.

A crítica é uma arma nas mãos de Satanás, para desmoronar as sociedades. E a parte mais importante da nossa sociedade é, sem dúvida, o lar.

Quando marido e mulher têm o hábito de criticar um ao outro, aos vizinhos, aos parentes, etc., torna-se isto um desastre na sociedade. Algo importante está faltando para esse casal: o amor!

Quando criticamos irmãos, directores, projectos, instituições, jovens, a família do pastor e ele próprio, existe algo de errado: simplesmente possuímos a verdade; ela, porém, não nos possui.

Reconhecendo o grande amor de Deus ao perdoar o nosso tão vil pecado, e meditando profundamente nisso, chegaremos à conclusão de que jamais iríamos viver na eternidade, se Cristo não tivesse derramado o Seu sangue inocente em nosso favor. E se Deus em tudo nos perdoou, se Ele não critica as nossas atitudes erróneas, como ousaríamos criticar as falhas dos que nos rodeiam?

É nosso dever levar as cargas uns dos outros, e se não estivermos dispostos a suportar as deficiências de nossos familiares, em vão será o trabalho missionário que efectuarmos.

Pode ser que Satanás esteja dizendo neste instante: «O teu cônjuge é irremediável». Responde a esse inimigo: «Perdoar sempre é o lema do cristão. O amor é a base da salvação».

Se amamos, não criticamos — perdoamos!

Notícias do Campo

CONGRESSO MISSIONÁRIO ADVENTISTA DA IGREJA DE MOÇÂMEDES

Aproximava-se o Congresso missionário e preparativos se iam fazendo para dar cumprimento a esta festa espiritual que cada ano se realiza nas Igrejas e Missões de Angola! Como delegados a este Congresso vieram os Irmãos Pastores Armando Casaca, director geral das Missões Adventistas de Angola, acompanhado de sua Espôsa e filha. Artur de Oliveira acompanhado de sua Espôsa, seu filho e sua sogra. Antes de se realizar a primeira reunião de abertura do Congresso, os nossos Irmãos Pastores foram entrevistados no Rádio Clube local. Nesta entrevista o Pastor Casaca respondeu às perguntas que lhe foram formuladas sobre as actividades das nossas missões e sob o aspecto global da nossa obra em Angola. A seguir falou o Pastor Oliveira que em resumo falou sobre as suas actividades no distrito da Huíla e particularmente na inauguração do lindo Templo de Sá da Bandeira em Junho passado, com a presença de numerosas pessoas e autoridades daquele Distrito. Na primeira reunião de abertura do Congresso, falou o Pastor Artur de Oliveira em substituição do Pastor Casaca; aquele teve que se deslocar para Sá da Bandeira de avião, para realizar o funeral duma idosa irmã que lá falecera. As reuniões de Congresso tiveram sempre uma boa assistência e pessoas que vieram até pela primeira vez! No domingo 22, realizou-se um programa da juventude que agradou à assistência, e nessa reunião vieram jovens pela primeira vez.

A obra em Moçâmedes está pràticamente a iniciar-se, com um plano estabelecido com numerosos contactos constantes abrangendo todas as pessoas do meio social. Cremos que Deus tem aqui uma grande Obra! Estamos utilizando formas e métodos para desvanecer o preconceito do povo com suas opiniões e ideias fixas e até doentias! O preconceito é uma barreira que impede até certo ponto a introdução da Tríplice Mensagem do Advento, porém, ela impressionará os corações. «Porque assim o Senhor no-lo mandou: Eu te puz por luz entre os gentios para que sejas de salvação até aos confins da Terra» Actos, 13:47. A doutrina se propaga tal como as ondas no éter e isso traz os seus benefícios! Como nos diz o salmista «Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente andando e chorando, voltará sem dúvida com alegria, trazendo consigo os seus molhos». Salmos, 126:5, 6.

Estamos continuando com o plano da «Bíblia Responde», e a Igreja está a colaborar com bom espírito, indo de casa em casa com as interessantes lições do Curso Bíblico, e muitos estão a interessar-se nestes estudos despertando até um certo interesse sobre o assunto da religião e comparações do sistema actual com as Verdades da Bíblia. Há dias mesmo uma pessoa dizia: eu nunca vi uma Bíblia, mas agora estou feliz porque alguém me encaminhou para a conhecer. Outra pessoa dizia: tenho medo de pecar, mas vejo que a vossa doutrina é boa. A seguir outra pessoa dizia: qualquer dia vou lá à sua Igreja. Podíamos dizer mais acêrca do que ouvimos e verificamos que o Espírito do Senhor está a impressionar corações.

Irmãos das Igrejas e das Missões, não podeis vir até cá mas há um pedido tal como S. Paulo o fez: passa à Macedónia e ajuda-nos» Actos, 16:9. Ajudai-nos com as vossas orações e lembrai-vos de nós na vossa hora de devoção matinal, e as vossas orações à distância podem realizar muito para impressionar almas que vivem nas trevas e num servilismo e no vale da decisão e na incerteza dos dias. Aqui os nossos melhores agradecimentos pelo vosso interesse e as vossas orações e carinho pela Causa da Verdade de Jesus morto, ressuscitado, assumpto ao céu donde há-de vir para dar a cada um segundo as obras! «E quando Cristo vier dirá: Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier achar servindo assim». S. Mateus, 24:46.

Vosso irmão na Bem-aventurada Esperança,

Américo J. Rodrigues